

Redação - (Sexta-feira, 09-01-2014, [Gaudium Press](#)) - A desconsideração crescente de muitos fiéis para com a prática religiosa e, conseqüentemente, para com o culto devido ao Santíssimo Sacramento, corresponde a circunstancias complexas.

Seria simplificar muito, dizer, sem mais, que esse fenômeno é fruto da cultura moderna ou pós moderna.

Muito mais que um simples animal racional, o homem é uma criatura dotada de alma espiritual, criada à imagem e semelhança de Deus.

Sua dimensão espiritual pede, clama, por ser atendida e satisfeita. Assim como o corpo para subsistir tem que comer, dormir, etc, assim também a alma precisa alimentar-se para não atrofiar-se. Em uma pessoa ordenada, seu crescimento natural desenrola-se harmoniosamente, atendendo ao mesmo tempo as necessidades do corpo e da alma.

Isto que parece tão razoável, se impõe ao constatar que temos uma inclinação inata para a felicidade, a plenitude, ao eterno. Santo Agostinho, conhecedor genial das aspirações da alma humana, declara em suas “Confissões”: “Nos fizestes, Senhor, para ti, e nosso coração está inquieto, até que descanse em ti”. E, antes, Tertuliano escreveu que “a alma humana é naturalmente cristã”. O catolicismo vai de encontro dos desejos mais medulares das pessoas.

Assim sendo, alguém que se confesse a-religioso ou ateu, encontra-se em um verdadeiro contrassenso. Não dar seqüência aos naturais apetites da alma é violentar-se interiormente e ser intelectualmente desonesto. É ter uma consciência fora de seus eixos.

É por isso que os que “professam” a irreligião recorrem a ideologias os

B c h#W]Ug

supostos “valores” que n fundo são tentativas de justificar suas débeis posturas; porque o homem é um monolito e não consegue subsistir permanecendo em uma estável e perpétua contradição; precisa apoiar ou desculpar de alguma maneira sua crença.

Porém o assunto que mais nos interessa e nos interpela não é dos ateus; é o drama dos católicos que não chegam ao extremo de renegar sua Fé, mas que não a vivem e a vão debilitando progressivamente até o ponto de parecer inexistente ou quase tanto.

Como podem conviver em uma mesma pessoa que recita o Credo na Missa dominical, sua profissão de fé e a indiferença para a religião católica? Esta é uma das questões mais preocupantes e urgentes a resolver.

O que acontece é que, nesse mecanismo de explicar seus erros justificando-os com uma doutrina, os indivíduos acabam substituindo a Deus com maiúscula por um deus com minúscula. Eles dão as costas ao Criador e se apegam às criaturas... endeusando-as. Dinheiro, saúde, tecnologia, beleza física, prestígio, poder, prazer, etc., são deuses substitutos do único e verdadeiro Deus e Senhor. O homem contemporâneo opta pelo serviço a um senhor de pacotilha, e deixa de lado o Senhor dos Senhores.

A negação de Deus é na realidade uma incongruência que equivale a uma substituição grosseira. Não se pode professar a inexistência de algo que clama dentro de nós!

Um exemplo. Pela graça de Deus e o concurso de catequistas que um dia explicaram o mistério eucarístico, passamos a crer na presença real de Jesus na hóstia consagrada e compreendemos que deve-se tributar-lhe um culto de adoração; por outro lado, sempre nos horrorizamos com os sacrilégios feitos contra este admirável sacramento e chegamos a elogiar, e até admirar, os adoradores que permanecem fiéis a seus compromissos.

Mas, na vida de todos os dias, estes sentimentos e convicções de que estamos persuadidos, não são determinantes para motivar nosso crescimento espiritual plasmado em uma conduta. Por que? Porque já

&#

B c h#W]Ug

devemos estar praticando outra crença diferente da que fizemos profissão no batismo e na confirmação: substituí-se ao Deus da revelação por um deus de conveniência. Salvo uma graça fulminante -como a que pôs São Paulo por terra e o elevou até o Céu- o dinamismo próprio do mal nos poderá levar até sem inimigos empedernidos de Deus.

Um processo assim começa “suave”, lentamente: Não vamos à Missa porque ela é, digamos, “entediante”, “parada”; depois, dizemos que não vamos adorar o Senhor no sacrário por falta de tempo; além disso a comunhão nos é tediosa e a confissão fastidiosa, desagradável...

Se for assim, não estaremos criando uma religião em que a “missa” poderá ser qualquer farândola vulgar, o sempre presente computador ou tablet seriam substitutos do sacrário, e o álcool, o cigarro e até mesmo a droga, não seriam meu “sacramento”?

Nossa! Essa conclusão é exagerada! Poderá dizer alguém. Pois bem, a verdade é que muito mais excessiva e exagerada é a inconsequência dos eternos incoerentes para os quais o Santíssimo Sacramento não parece ser grande coisa...

Por Padre Rafael Iburguren, EP

(Assistente Eclesiástico do movimento “Mundialis Foederatio Operum Eucharisticorum Ecclesiae”)

' #